



As Cadernetas Agroecológicas como Metodologia de Protagonismo das Agricultoras: A Experiência do Pró-Semiárido no Piemonte da Diamantina/BA *The Agroecological Cadernets as a Methodology for Women Farmers Protagonism: The Experience of the Pró-Semiárido in the Piedmont of Diamantina / BA*

LACERDA, Tamara Rangel de¹; SIQUEIRA, Ana Elizabeth Souza Silveira de²

¹ COOPESER – Cooperativa de Consultoria, Pesquisa e Serviços de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável, tamara.rl@hotmail.com ; ² CAR – Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional do Estado da Bahia, bethsssiqueira@yahoo.com.br

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: A agroecologia contribui para o reconhecimento do trabalho das agricultoras, que possuem um vasto conhecimento prático sobre os agroecossistemas. A Caderneta Agroecológica é uma metodologia desenvolvida pelo Centro de Tecnologias Alternativas na Zona da Mata, que possibilita visibilizar e valorizar esse trabalho, através dos registros realizados pela mulher sobre o que vende, troca, doa e consome daquilo que é produzido por elas. O projeto Pró-Semiárido, apoiado pelo FIDA na Bahia, está desenvolvendo a metodologia como uma das ações de gênero para fortalecer o protagonismo das agricultoras nos 32 municípios em que atua. Este relato apresenta a experiência da equipe técnica da COOPESER que acompanha famílias em 36 comunidades rurais em Jacobina, Várzea Nova e Caém no território Piemonte da Diamantina, destacando o processo contínuo de formação e em que as agricultoras tiveram o primeiro contato com a Caderneta Agroecológica e puderam traçar metas e sonhos a partir da metodologia.

Palavras-Chave: Agroecologia; Feminismo; Sistematização; Desenvolvimento Rural.

Keywords: Agroecology; Feminism; Systematization; Rural Development.

Contexto

De acordo com Henn (2013), a agroecologia contribui para elucidar o papel político e produtivo das mulheres rurais ao reconhecer seu trabalho e saberes, ajudando a alterar condições de vida e relações sociais. Pacheco (2002) explica que as agricultoras adquiriram vasto conhecimento sobre os sistemas agroecológicos em sua práxis histórica e por essa razão “desempenham importante papel como administradoras dos fluxos de biomassa, conservação da biodiversidade e domesticação das plantas.” (PACHECO, 2002, p.19). Nesse sentido, a Caderneta Agroecológica se destaca como uma metodologia político-pedagógica desenvolvida pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata - CTA/ZM, como resultado do esforço intelectual de mulheres no sentido de construir novas ferramentas de análise da realidade social, possibilitando dar visibilidade e valorizar o trabalho realizado pelas mulheres nos agroecossistemas (LOPES NETO et al, 2015).

A Caderneta Agroecológica é utilizada pelas agricultoras para o monitoramento da renda a partir do trabalho por elas protagonizado, onde são registrados os produtos que foram doados, trocados, vendidos e consumidos. Além de conhecerem e se apropriarem da renda, antes invisível, as agricultoras se empoderam sobre a ação e



importância do seu trabalho na produção para o autoconsumo, fundamental para a segurança alimentar e economia da família (CARDOSO E SCHOTTZ, 2009).

Nessa perspectiva, esse relato apresenta a experiência metodológica que a Caderneta Agroecológica tem cumprido entre a equipe de Assistência Técnica e Extensão Rural da COOPESER – Cooperativa de Consultoria, Pesquisa e Serviços de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável e as agricultoras participantes do projeto Pró-Semiárido em Jacobina, Várzea Nova e Cáem, municípios baianos localizados no território do Piemonte da Diamantina. Esse projeto é parte integrante de um conjunto de compromissos do Estado da Bahia, através da Secretaria de Desenvolvimento Rural, para erradicação da pobreza no campo, através do financiamento do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola – FIDA.

O Pró-Semiárido atualmente vem utilizando as Cadernetas Agroecológicas como uma das ações de gênero com o objetivo de visibilizar e valorizar o trabalho desenvolvido pelas agricultoras no agroecossistema. Acredita-se que quando um instrumento metodológico, que contribui para fortalecer o elo entre a luta das mulheres e a construção da Agroecologia, resulta no fortalecimento da autonomia das mulheres que passaram a utilizá-lo, observa-se aí a construção de um espaço onde as agricultoras aprendem e ensinam sobre suas próprias realidades.

Descrição da Experiência

O primeiro passo realizado no Projeto Pró-Semiárido foi a formação política e técnica sobre as Cadernetas Agroecológicas por parte das equipes técnicas. Por se tratar de uma metodologia que foi desenvolvida e aprimorada pelo CTA/ZM junto com diversos grupos feministas e do GT de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, buscou-se então estabelecer parcerias e conhecer de perto as experiências que desde 2009 tem sido colocadas em prática. Esse processo iniciou-se em novembro de 2018 quando algumas representantes das equipes participaram do Seminário Final de Avaliação do Projeto de Sistematização das Cadernetas Agroecológicas em Recife/PE. A partir de então a formação se desencadeou num processo continuo e ainda em novembro houve uma capacitação mais ampla na Bahia, com a presença de Elisabeth Cardoso do CTA/ZM, para as representantes das dez equipes de ATER do Pró-Semiárido e participantes das chamadas públicas da Bahiater, também da Secretaria de Desenvolvimento Rural do estado da Bahia.

Já entre fevereiro e maio de 2019 realizou-se capacitações internas ao Pró-Semiárido através de seminários e dias de estudo locais com cada equipe de ATER, discutindo desde a importância da metodologia ao preenchimento de seus instrumentos. Um dos destaques que esse processo formativo trouxe foi o entendimento de que a Caderneta Agroecológica não é um simples instrumento de anotação ou coleta de dados, mas sim uma metodologia que contém processos específicos e instrumentos que a compõe, sendo eles: a caderneta; o questionário socioeconômico; o mapa do agroecossistema e os espaços de formação. Além



disso, as pautas da agroecologia e do feminismo devem estar contempladas em todo processo, sendo incorporadas pelas agricultoras em suas práticas.

Em maio e junho as Cadernetas foram apresentadas às agricultoras participantes do projeto nos 32 municípios em que ele é executado, através das rodas de aprendizagem, uma metodologia já utilizada em outras ações do projeto e que consiste em criar espaço de decodificar temas, bem como trocar experiências entre agricultores/as e equipe técnica. No Piemonte da Diamantina a equipe de ATER da COOPESER realizou as rodas de aprendizagens nos três municípios em que atua, atendendo agricultoras de 36 comunidades rurais. Foram utilizados vídeos e relatos de experiências das agricultoras que já utilizaram as Cadernetas, realizando um bate-papo sobre a metodologia ao mesmo tempo em que se decodificava problemáticas em torno de suas participações na divisão sexual do trabalho nos agroecossistemas e como se sentem em relação a isso.

Ao final da roda de aprendizagem as agricultoras que tiveram interesse em participar receberam a Caderneta Agroecológica para iniciarem seus registros. Nesse momento também foi discutido como funciona seu preenchimento, esclarecendo dúvidas e apresentando alguns exemplos. Podem ser registrados toda produção agrícola, animal, subprodutos, artesanatos, plantas medicinais e ornamentais, extrativismos, doces, bolos, etc., desde que sejam fruto do trabalho das mulheres, dando destaque para importância de anotar também aquilo que é consumido, pois constitui uma renda não-monetária de grande importância para a economia da família e sua segurança alimentar.

A maioria das sistematizações sobre agroecologia deixa de problematizar temas como divisão sexual do trabalho, autonomia política e econômica das mulheres, mantendo as agricultoras no lugar de invisibilidade. Dessa forma, é essencial que a anotação e sistematização através das Cadernetas Agroecológicas seja conduzida pelas próprias agricultoras com apoio das técnicas, a fim de aprimorar a capacidade das mulheres de refletir sobre suas próprias experiências. Neste sentido, discutiu-se também a importância do apoio de alguém da família nos casos que as mulheres são analfabetas, não restringindo sua participação, sendo importante que toda anotação realizada seja ditada por ela. O protagonismo da mulher nesse processo de anotações é o mais importante na metodologia.





Imagen 01. Agricultoras das Comunidades Rurais Várzea Nova e Várzea da Naninha, município Jacobina/BA.



Imagen 02. Roda de Aprendizagem sobre Cadernetas Agroecológicas no Assentamento Formigueiro, Jacobina/BA.



Imagen 02. Agricultoras das comunidades Riacho dos Maia e Conceição em Várzea Nova/BA.

Resultados

Foi possível perceber, em primeiro lugar, uma evidente diferença na participação das agricultoras no espaço composto apenas por mulheres, em comparação às reuniões mistas, durante as rodas de aprendizagem, em que participaram cerca de vinte em cada. Elas se sentiram mais à vontade para se colocar e, muitas vezes, desabafar os desafios que as questões de gênero as impõe, bem como para compartilhar propostas e traçar metas e sonhos. A metodologia foi muito bem aceita em todas as apresentações, inclusive a equipe relatou sentir uma maior facilidade em discorrer sobre a Caderneta e suas utilidades pois as agricultoras rapidamente se identificavam e apresentavam sentidos para os instrumentos.

Foi muito comum as agricultoras compartilharem falas sobre como a Caderneta pode ajuda-las a “mostrar seu valor” ou “provar que trabalhamos o dia inteiro e que ninguém reconhece”. A angustia sobre a invisibilização de seu trabalho pela própria família foi unânime em todas os encontros, como também foi neste mesmo ponto que elas apresentaram motivação para utilização das Cadernetas, demonstrando assim uma perspectiva de melhoria de vida a partir do reconhecimento de seus trabalhos através dessa metodologia. Algumas inclusive apresentaram perspectivas de utilizar estes registros para futuramente comprovar trabalho quando forem dar entrada no pedido de aposentadoria como agricultora.

Outro ponto que rendeu bastante discussão foi sobre a produção de autoconsumo, pois as agricultoras relataram que nunca haviam parado para pensar sobre as hortaliças, legumes, frutas, aves, ovos entre outros alimentos produzidos em seus quintais, que deixam de comprar fora e que alimentam diariamente toda família. O mesmo ocorre com as plantas medicinais que são essenciais para a saúde e evitam



a compra de medicamentos farmacêuticos. Essa renda não-monetária normalmente não é contabilizada pela família nem por outras ferramentas de pesquisa, contudo é nela que está uma grande parte do trabalho da mulher que cotidianamente garante o sustento familiar, portanto esse é um diálogo que é realizado com muito destaque, pois será um dos maiores desafios nos registros das mulheres que não estão acostumadas a quantificar este item. A mesma reflexão vale para as trocas e relações de reciprocidade entre vizinhas que estão sempre se ajudando compartilhando o que produzem entre si.

A Caderneta Agroecológica é também considerada uma ferramenta de pesquisa, além de oferecer comprovação de trabalho e renda das agricultoras que constituem maior parte da categoria da agricultura familiar. De acordo com Lopes Neto et al. (2015), os resultados sistematizados a partir desse instrumento possibilita qualificar as informações e quantificá-las, de modo que possam subsidiar debates sobre políticas públicas voltadas especificamente às mulheres rurais, a exemplo da ATER, crédito rural, mercados, acesso à direitos básicos, etc.

Através do projeto Pró-Semiárido, portanto, pretende-se levantar dados qualitativos e quantitativos sobre a renda e trabalho da mulher, possibilitando outros acessos ao desenvolvimento rural justo e agroecológico e servindo de sistematização a ser tomada como base por outras experiências. A execução da metodologia ainda se encontra em fase inicial, de julho até dezembro as agricultoras irão preencher as Cadernetas, responder ao questionário socioeconômico e elaborar os mapas, bem como terão encontros de formação e monitoramento onde poderão trocar experiências entre si e fortalecer os grupos de mulheres locais. As perspectivas desde então são positivas pois a metodologia foi muito bem aceita e despertou animação e sonhos entre as agricultoras desde o seu primeiro contato, o que por si só já é engrandecedor para o fortalecimento destas mulheres em construção diária da prática da agroecologia.

Referências bibliográficas

- CARDOSO, E. M.; SCHOTTZ, V. Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil. **Revista Agriculturas**, v. 6, n. 4, dez. 2009.
- HENN, I. A. Agroecologia e relações de gênero em projeto societário. In: **Mulheres Camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos – Niterói: Alternativa, 2013.
- LOPES NETO, A. A.; LOPES, I. L.; FEITAL, A. Caderneta Agroecológica e Feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – Vol 10, Nº 3 de 2015.
- PACHECO, M. E. L. Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero. In: **Perspectivas de Gênero**: debates e questões para as ONGs. Recife: SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002.
- Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.